



REDE MOCAMBICANA DOS
DEFENSORES DE DIREITOS HUMANOS

RMDDH

Domingo, 26 de Março de 2023 | Ano IV, n.º 43 | Presidente: Prof. Adriano Nuvunga | Português

DEFESONRES DE DIREITOS HUMANOS EM CABO DELGADO

Desafios dos defensores de direitos humanos regressados às zonas de origem outrora afectadas pelo extremismo violento



Créditos: Tendex



Créditos: Integrity Magazine

Há pouco mais de cinco anos que Cabo Delgado mergulhou num extremismo violento sem precedentes. Cerca de 10 distritos foram directamente afectadas pelo conflito que fez mais de quatro mil mortos e forçou o deslocamento de perto de 800 mil pessoas, deixando para trás toda uma vida e sonhos por realizar. Sequelas físicas e psicológicas são visíveis e ainda vai levar muito para desaparecerem. Pedir a quem esteve diante da morte para falar do seu passado é como se fosse um acto desumano da nossa parte. A dor é imensurável e as vítimas querem esquecer o desaparecimento, o sequestro, a mutilação ou a morte de um parente, vizinho e amigo.

Na luta pela sobrevivência, as vítimas encontraram nos centros de acolhimento ou em casas de familiares locais seguros para fazer contas à vida, na esperança de tudo volte à normalidade. No meio de tanto sofrimento e desespero, há pequenas histórias de resiliência: “Esta não é primeira guerra que testemunhei. Fui vítima da guerra dos 16 anos, mas Deus sempre estava connosco”, contou Issufo Abdul, defensor dos direitos humanos de Mo-

címboa da Praia, numa breve conversa com a RMDDH/Cabo Delgado.

O deslocamento forçado das populações que viviam nos distritos assolados pelo extremismo violento afectou também muitos defensores de direitos humanos. Neste momento, e apesar da aparente melhoria das condições de segurança no norte de Cabo Delgado e do processo de reconstrução em curso, os defensores de direitos humanos debatem-se com incertezas e desafios sobre a prossecução das suas actividades de defesa de direitos humanos no futuro.

Entre os grupos de deslocados que regressaram às suas origens, há defensores de direitos humanos que, devido ao conflito e à crise humanitário, viram-se obrigados a “interromper” o seu papel na sociedade para reclamar pelos mesmos direitos básicos que o grosso da população reclamava. Uma situação que os transformou em meros espectadores da precariedade das condições sociais que encontraram no seu regresso às zonas de origem. Falta quase tudo, o custo de vida disparou devido à especulação de preços dos produtos de primeira necessidade. As instituições de Estado

funcionam a meio gás, ou melhor, nem todas (re)abriram as portas, principalmente as do sector da justiça.

Esta situação dificulta a retoma das actividades de defesa de direitos humanos por parte dos defensores. Ligado a isso há a situação de infra-estruturas destruídas e vandalizadas pelos extremistas violentos. Trata-se de gabinetes de trabalho, mobiliário de escritório e consumíveis de defensores de direitos de direitos humanos que, infelizmente, não fazem parte das infra-estruturas que serão reabilitadas no âmbito do programa governamental de reconstrução de Cabo Delgado. Alguns defensores informaram que muitos projectos de coesão e inserção social foram atribuídas às organizações baseadas em Pemba, excluindo os activistas locais que trabalham na defesa de direitos humanos, o que limita a sua actualização.

Mesmo diante desses problemas, há esperança de que com a evolução das condições de segurança nas zonas afectadas pelo extremismo violento os defensores de direitos humanos voltem a fazer o seu trabalho junto às suas comunidades. "Ajudar o próximo não

tem preço. Ganhamos em saber que mudamos algo na vida de uma pessoa e isso ajuda-nos a granjear respeito e reconhecimento. Esta é a maior dádiva que um defensor de direitos humanos pode receber", diz Issufo Abdul.

A circulação de militares na ruas empunhando armas de guerra é uma das formas de proteger as populações e garantir a segurança, mas revela que vive-se uma paz armada. "Fica a sensação de que algo pode acontecer a qualquer momento". Outro fenómeno novo que foi relatado pelo Fabião Capece, defensor dos direitos humanos em Mocímboa da Praia, é o recrudescimento de criminalidade, com destaque para assaltos na via pública, práticas outrora inexistentes. Esta situação chama a atenção pelo facto de Mocímboa da Praia ter sido o primeiro distrito que registou ataques dos extremistas violentos e um dos mais afectados pelo conflito. A vila municipal de Mocímboa da Praia foi uma das primeiras a sofrer um assalto terrorista e aquela que mais tempo permaneceu sob controlo dos extremistas violentos em toda a província de Cabo Delgado.



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: RMDDH
Presidente: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beúla
Autor: Leandro Siteo
Layout: RMDDH

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO



Rua Dar-Es-Salaam, número 279, Bairro Sommerschild, Maputo -Moçambique **Contacto** +258 857645056
 Email : info@redemoz-defensoresdireitoshumanos.org [@RMDDH_Moz](https://twitter.com/RMDDH_Moz) [rmddh_moz](https://www.instagram.com/rmddh_moz)
 Facebook: [@RMDDHMoz](https://www.facebook.com/RMDDHMoz) redemoz-defensoresdireitoshumanos.org/ **LinkedIn:** [rmddh](https://www.linkedin.com/company/rmddh)